



Vamos parar um momento de meter o pau na Apple e falar sobre um outro assunto importante. Tenho uma teoria: o jornalismo tradicional brasileiro não é compatível com Macintosh (tá, não é exatamente uma tese de doutorado).

Fiz PUC (não na frente dos outros) em São Paulo, me formei em Jornalismo e escrevo sobre informática já faz uns seis anos. Acompanhei a Macmania desde o primeiro número (e nem tinha um Mac ainda), pois ela sempre refletiu minha crença de que uma publicação (não só de informática) desse tipo tem que ser humana, falando português de gente, sem seguir todas as regras e normas bobas que aprendemos na faculdade e nas redações “sérias”. Não estou puxando o saco, não. Desde o início dava para perceber que quem escrevia na revista eram pessoas apaixonadas e conhecedoras do assunto. O bom humor e a linguagem despojada eram (ou melhor, são) os temperos especiais que conquistavam (e ainda conquistam) o leitor. Tudo isso é basicamente o oposto do que se vê na área jornalística, principalmente de informática. Na minha visão, as revistas “especializadas” – em sua maioria, pecezistas assumidas – seguem de um modo geral uma cartilha rígida e besta, que gera textos superficiais e permite no máximo o humor infantil e infame.

Mas o buraco é bem mais embaixo. A verdade é que são poucas as revistas sobre tecnologia que oferecem informações confiáveis ou idôneas e que sabem resistir ao marquetichim exacerbado que contamina endemicamente o jornalismo brasileiro. Essa submissão ao mercado frequentemente é inconsciente por parte do jornalista de baixo escalão, que está apenas tentando sobreviver nas redações cada vez mais enxutas.

Um fator determinante e óbvio para a escassez de cabeças pensantes é o peso da filosofia neoliberal dentro e fora das empresas. Porém, outro ponto relevante é a ignorância tecnológica por parte de quem escreve. Pode ser surpresa para o leitor, mas muitos dos repórteres, redatores e até mesmo editores de publicações especializadas entendem muito pouco de computador ou de qualquer coisa ligada à tecnologia.

No entanto, o leitor costuma partir do pressuposto de que quem escreve na revista entende do assunto. Pois é, nem sempre. E o resultado

Muitos dos jornalistas especializados entendem muito pouco de computador ou de tecnologia

Jornalismo brasileiro não roda em Mac OS



disso é o desrespeito ao leitor (que nem sabe que está sendo desrespeitado) e um festival de bobagens. E se é assim em revistas de informática, o que dizer de revistas de variedades como a Veja?

No final das contas, fica aquela falsa imagem de que jornalista é um ser especial, que pode escrever sobre qualquer assunto. É como alguém formado em medicina que decide ser imunologista sem ter feito especialização nenhuma. Ou seja, é preciso ter credenciais ou, pelo menos, alguém para segurar as pontas.

Para falar sobre Macintosh, não dá para ser assim, pois você não está falando com um público qualquer. Trata-se de uma comunidade unida, que nadou contra a corrente e fez uma opção consciente pelo Mac. Uma decisão, muitas vezes, até ideológica. No meu caso, recebo emails de leitores elogiando minhas matérias. Devem achar que sou um gênio do Mac.

A verdade é que, como qualquer bom jornalista ou similar, geralmente tenho que aprender uma série de coisas antes de escrever qualquer texto mais detalhado. Nos momentos de dificuldades, posso sempre contar com os verdadeiros “gurus” desta revista: nossos colaboradores. Eles não são jornalistas, mas são a pedra fundamental da Macmania. Na realidade, temos o privilégio de ter parte da “elite intelectual” do Macintosh para nos apoiar. É essa comunidade unida e apaixonada por Mac que sustenta e dá credibilidade à revista.

Se esse é o motivo de a Macmania ser, por enquanto, a única revista sobre Mac do país, eu não sei. Mas garanto que é por isso que nossos leitores costumam gostar e confiar na revista. Em resumo, para escrever sobre Macintosh é preciso manter o espírito Mac vivo. E só quem tem um pode entender o que isso significa. Não é uma paixão pela máquina em si, mas pelo conceito que ela representa. **M**

MÁRCIO NIGRO

Não gosta de ser chamado de jornalista.

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.